

LA LLORONA NO MÉXICO E AS DAMAS DE BRANCO NO BRASIL: PROXIMIDADES, DISCURSO E IDENTIDADE

Maria Talita Rabelo Pinheiro (UNEB)

talitarabelo27@gmail.com

Nerivaldo Alves Araújo (UNEB)

neriaraujo@hotmail.com

RESUMO

No presente artigo, propõe-se uma análise entre o mito mexicano *La Llorona* e suas proximidades com as lendas brasileiras “A mulher/dama de branco” ou “A mulher/dama da meia-noite”, lendas com que se desbravam as origens de nossas histórias, e suas proliferações nos meios de divulgação em massa, com ênfase na *Internet*, pois se entende que nenhuma sociedade constrói o seu presente e reforça o seu futuro sem compreender a sua cultura e o significado da origem do seu povo. As lendas, de autoria(s) desconhecida, foram criadas por povos de diferentes lugares e épocas para explicar fatos como o surgimento da Terra e dos seres humanos, do dia e da noite e de outros fenômenos da natureza. O mito *La Llorona* conhecido de várias maneiras em seu país de origem, o México, chega ao Brasil principalmente como lendas e lendas urbanas. No decorrer do artigo, com um aporte qualitativo, utilizando as pesquisas bibliográfica e documental, trabalha-se a definição de mito e lenda, pois muitas vezes se confundem os dois. Posteriormente será apresentado à história do mito (*La Llorona*) e as lendas urbanas brasileiras mais próximas. Buscou-se indicar alguns encaminhamentos que podem ajudar na construção da pesquisa, envolvendo História, Memória e Identidade com autores como Candau e Delgado e para finalizar será feito uma abordagem da temática, um recorte, fazendo uma relação coma recepção, usando como principal autor Michel Foucault com o livro *A Ordem do Discurso*, pois esses tipos de histórias antes predominantemente ligadas à oralidade ganham espaço nos meios digitais, o que faz com que esse discurso evolua.

Palavras-chave:

Discurso. Identidade. Semelhanças. *La Llorona*. Lendas brasileiras.

RESUMEN

En este artículo, se propone un análisis entre el mito mexicano *La Llorona* y sus proximidades con las leyendas brasileñas “La mujer/dama de blanco” o “La mujer/dama de la medianoche”, leyendas con las que abren los caminos de los orígenes de nuestras historias y su proliferación en los medios de comunicación, con énfasis en *Internet*, ya que se entiende que ninguna sociedad construye su presente y refuerza su futuro sin comprender su cultura y el significado del origen de su gente. Las leyendas, de autor (es) desconocida (s), fueron creadas por personas de diferentes lugares y tiempos para explicar hechos como la aparición de la Tierra y los seres humanos, día y noche y otros fenómenos naturales. El mito de *La Llorona*, conocido de diversas maneras en su país de origen, México, llega a Brasil principalmente como leyendas y leyendas urbanas. A lo largo del artículo, con una contribución cualitativa, utilizando investigación bibliográfica y documental, se trabaja en la definición de mito y leyenda,

ya que los dos a menudo se confunden. Más tarde, se presentará la historia del mito (La Llorona) y las leyendas urbanas brasileñas más cercanas. Tratamos de indicar algunas referencias que pueden ayudar en la construcción de la investigación, involucrando Historia, Memoria e Identidad con autores como Candau y Delgado y finalmente, se hará un acercamiento al tema, un corte, una relación con la recepción, utilizando como el autor principal. Michel Foucault con el libro El Orden del Discurso, ya que este tipo de historias previamente vinculadas predominantemente a la oralidad ganan espacio en los medios digitales, lo que hace que este discurso evolucione.

Palabras clave:

Discurso. Identidad. Similitudes. La Llorona. Leyendas brasileñas.

1. Introdução

As lendas são uma das mais envolventes formas de conhecer/invasão uma cultura (des)conhecida criando nossa própria “fantasia” real. Segundo Malba Tahan (1966, p. 24), “até os nossos dias, todos os povos, civilizados ou não, têm usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas”.

Costumamos ouvir as pessoas de mais idade que guardam a memória de nossa comunidade e estão habituadas com histórias envolvendo entes sobrenaturais. As lendas buscam justamente preservar a cultura popular/regional/nacional [folclore] em uma forma de manifestação com o passar das gerações, pois, de acordo com Delgado (2010, p. 55) “os sujeitos construtores da história da humanidade são muitos, são plurais, são de origens sociais diversas”, e a literatura oral se modifica com essa pluralidade, com essas diferentes identidades, dependendo das características étnicas, culturais, nacionais, religiosas, sociais, de gênero, ideológicas.

Presume-se que o desconhecido é curioso e que chama a atenção de muitos. O que esta pesquisa quer, é repassar coisas desconhecidas no conhecido, buscar algo que já sabemos, mas que em outros países parece desconhecido para nós, pois de acordo com Delgado (2010, p. 63) “identidades, representações e memórias encontram-se inter-relacionadas. Por meio da memória, as comunidades e os indivíduos podem, por exemplo, resgatar identidades ameaçadas e construir representações sobre sua inserção social e sobre sua cultura”.

Com a criação dos meios de divulgação em massa e a internet, houve a influência da divulgação e aumento das produções dos mitos,

lendas e das lendas urbanas, na *web* e até mesmo em papel. Não apenas porque a internet transformou o ambiente em que habitam escritores-leitores de mundo, mas também porque alarga as possibilidades imaginárias para os criadores. Assim parece que a internet deu um novo fôlego e esse tipo de narrativa/história.

O mito *La llorona* conhecido de várias maneiras em seu país de origem, o México, chega ao Brasil principalmente como lendas urbanas, pois são relatos de eventos históricos de pessoas que ao Brasil chegaram. Por isso, possuem base em determinados momentos históricos que se misturaram às histórias de nativos e colonos. Porém, essas histórias são distorcidas ou exageradas, recebendo um ar fantástico.

Neste trabalho, serão abordadas as proximidades entre as lendas brasileiras “A mulher/dama de branco” ou “A mulher/dama da meia-noite” e suas proximidades com o mito *La Llorona* mexicano, partindo da análise da história, memória e identidade, pois *La Llorona* sobreviveu unicamente na memória, individual e coletiva, sem deixar rastros materiais ou escritos, sendo suas lendas transmitidas e reproduzidas apenas oralmente. Tudo indica que foi somente no século XIX que a literatura esteve pronta para se apossar dessa memória e registrá-la.

Outro aspecto a ser trabalhado neste artigo é a inclusão do aspecto social da transmissão e recepção das lendas usando principalmente a visão de Foucault na perspectiva da *Ordem do Discurso*, pois se deve refletir que a *Internet* não é apenas mais um meio moderno de divulgar narrativas, mas sim um meio que impõe características e limites a essa transmissão, e isso deve ser levado em conta quando se fala de produção/recepção do discurso, pois o ciberespaço é um lugar em que a cultura oral e escrita se encontram.

2. O mito e a lenda: reflexões sobre os dois gêneros

As narrativas orais são uma experiência social que possibilita um (re)encontro do homem com ele próprio, com o sagrado, com o seu passado mais distante, com o seu presente mais próximo, sendo um signo cultural que determina comportamentos e formas de organização social baseados na sabedoria (re)passada pelos antepassados desde as mais antigas tradições.

Conforme o filósofo romeno Eliade, o mito simbolizava uma “história verdadeira” nas sociedades arcaicas, retendo um “caráter sagrado,

exemplar e significativo” (1978, p. 7). Em tais sociedades, esse tipo de narração exerce uma função dentro da organização coletiva, distanciando-se apenas de uma fabulação encantatória. De acordo com esse pesquisador:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos "primórdios". Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. (ELIADE, 1978, p.11)

Assim, os mitos retratam as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado/sobrenatural no Mundo, manifestam o que “realmente aconteceu”, das coisas do mundo real. É essa irrupção do sagrado, esse tipo de narrativa, que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. “É mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural” (ELIADE, 1978, p. 11).

Partindo para as lendas, de acordo com Costa (2009, p. 139), a “lenda é uma história cheia de mistério e fantasia que nasceu com o objetivo de explicar acontecimentos que teriam causas não conhecidas”, seu autor é desconhecido e ela é passada de geração a geração. Assim sendo, as lendas conectam as diversas gerações, de épocas e espaços, e pode-se afirmar que ainda são, criadas para explicar questões que dizem respeito à origem de alguns fenômenos do universo.

Para Fine (1992 *apud* LEAL; PEREIRA, 2016) a lenda é:

[...] uma narrativa que um contador apresenta a uma plateia no contexto de seu relacionamento. O texto é um relato de um acontecimento no qual o narrador ou um contato pessoal imediato não esteve envolvido, e é apresentado como uma proposição para a crença; não é sempre tido como verdadeiro pelo falante ou plateia, mas é apresentado como algo que poderia ter ocorrido, e é contada como se tivesse acontecido. As ocorrências são eventos notáveis do tipo dos que são supostamente “estranhos mas verdadeiros”. (FINE, 1992, p. 2 *apud* LEAL; PEREIRA, 2016, p. 92)

Ao se ler esta definição, constata-se a ideia de que as lendas circulam em uma sociedade, assim, em um contexto pertencente a uma comunidade, desta forma a pessoa que conta a história igualmente faz parte desse corpo social e compartilha com todos a mesma realidade, as mesmas atividades, os mesmos discursos e regras.

Com caráter fictício, as lendas combinam fatos reais e históricos com fatos irreais que são produtos da imaginação humana. A cada nova “versão” das lendas são adicionadas novas interpretações e crenças populares do local onde ocorreu o desfecho. A lenda é isso, um tipo de narrativa que se caracteriza pelo fato de não ter a pretensão de ser uma verdade definitiva.

A lenda apresenta uma relação direta com o momento histórico do povo que a cria. Nesse sentido, as lendas nos fornecem um caminho simples para os fatos culturais de uma civilização. Com isso passamos a conhecer os mecanismos da variação cultural e, principalmente o modo de pensar de cada povo, num dado momento de seu desenvolvimento histórico. (MACHADO, 1994, p. 97)

A *internet* e todos os meios de mídias digitais influenciam na divulgação e produção dessas narrativas, no caso em questão dos mitos e lendas. Não apenas porque ela transformou o ambiente em que habitam escritores-leitores de mundo, mas também porque alarga as possibilidades imaginárias para os criadores, que eram os antigos ouvintes; também podem ser o suporte para a narrativa digital, aquela produzida diretamente em blogs e redes sociais, muitas vezes através de processos transmidiáticos (de relações entre mídias) e cooperação.

De acordo com Chartier (2010) em relação às mutações do texto digital abordam que:

A descontinuidade existe até mesmo nas aparentes continuidades. Ante o monitor, a leitura é uma leitura descontínua, segmentada, mais ligada ao fragmento do que à totalidade. [...] As interrogações do presente acham suas razões nessas rupturas decisivas. Como manter o conceito de propriedade literária, definido desde o século XVIII a partir de uma identidade perpetuada das obras, reconhecível, qualquer que seja a forma de sua publicação, num mundo em que os textos são móveis, maleáveis, abertos e nos quais, como o desejava Michel Foucault, cada um pode, no momento de começar, “encadear, continuar a frase, e, sem que ninguém se preocupe realmente com isso, alojar-se nos seus interstícios”? (CHARTIER, 2010, p. 9)

Narrativas desse tipo vivem em nosso imaginário de modo intenso e de formas distintas, e nos alcançam quando menos esperamos, causando espanto, surpresa, credulidade ou incredulidade. Afirmar que essas

histórias vivem, com efeito, é testemunhar que as formas de cultura popular, sobretudo aquelas que chegam através das mídias, ocupam um lugar de destaque na construção das nossas identidades e relações sociais.

3. *Conhecendo o mito La Llorona e as suas relações com as versões de lendas brasileiras*

O Brasil foi formado por vários grupos étnicos e a junção destes originou um povo bem diferente dos demais povos do mundo. Mais importante, ainda, é apontar que temos nesse país um rico folclore, caracterizado pela diversidade de culturas do povo que forma uma nação. Os mitos e lendas advindos dessa junção de culturas fizeram surgir novas variantes dos mesmos, já que as narrativas orais se modificam, reinterpretam-se.

Os mitos possuem um caráter mais simbólico. Como os povos antigos não conseguiam explicar muitos dos fenômenos naturais cientificamente, acabavam por criar mitos com esses objetivos, para dar sentido as coisas do mundo. Eles serviam como uma ferramenta para repassar os conhecimentos adquiridos, alertar sobre os perigos. Deuses e deusas, heróis e heroínas, personagens sobrenaturais se misturam com fatos da realidade para dar sentido à vida e ao mundo. Já as lendas costumam dar explicações aos acontecimentos sobrenaturais ou misteriosos, surgem através dos mitos, são histórias contadas por pessoas e transmitidas oralmente através dos tempos, voltam-se ao lado mais fantasioso para explicar o desconhecido.

4. *Versão mexicana da narrativa*

González Obregón, um grande historiador mexicano, traz muitos esclarecimentos em seu livro *Las calles de México, Leyendas y sucedidos*, publicado pela primeira vez em 1922, no qual foca nas lendas existentes na Cidade do México durante a era da Nova Espanha; em vários casos, o autor faz uma investigação para realmente saber o que aconteceu de acordo com a documentação existente na época, e em uma de suas abordagens explana as possíveis origens desse tão forte mito *La Llorona* para o povo Mexicano.

Em meados do século XVI, houve alguns anos em que os vizinhos da Cidade do México acordaram à meia-noite, quando havia lua cheia,

assustados por longos gemidos lançados por uma mulher, a quem ele sem dúvida afligia uma tremenda dor física ou um tormento de uma grande dimensão. O lamento era tão tétrico, que parecia vir do mundo dos mortos. Então, uma mulher na casa dos trinta estava aparecendo. O autor traz em sua obra:

Vestía la mujer traje blanquísimo, y blanco y espeso velo cubría su rostro. Con lentos y callados pasos recorría muchas calles de la ciudad dormida, cada noche distintas, aunque sin faltar una sola, a la Plaza Mayor, donde vuelto el velado rostro hacia el oriente, hincada de rodillas, daba el último angustioso y languidísimo lamento; puesta en pie, continuaba con el paso lento y pausado hacia el mismo rumbo, al llegar a orillas del salobre lago, que en ese tiempo penetraba dentro de algunos barrios, como una sombra se desvanecía. (OBREGÓN, 1997, p. 116)

A tradição de *La Llorona* tem suas raízes na mitologia estabelecida entre os habitantes de parte do atual território mexicano. A deusa Cihuacoatl, que apareceu muitas vezes como uma dama vestindo roupas palacianas, teria sido uma das primeiras representações de *La Llorona*. A deusa teria lançado o grito “¡Oh, hijos míos!, ¿dónde os llevaré para que no os acabéis de perder?”, esse teria sido o sexto presságio da chegada dos conquistadores e com isso trazendo a aniquilação do povo azteca.

Entre os muitos presságios com os quais a conquista do México pelos espanhóis foi anunciada, há um que descreve as vozes de uma mulher que frequentemente ouvia à noite. Angustiado e entre soluços, essa mulher se perguntou onde poderia levar seus filhos para que não se perdessem. Essa história se ligaria à lenda de *La Llorona*, porque ela mesma, desesperada por ter sido traída pelo marido, afogou seus próprios filhos no riacho, para impedir que morressem sem a atenção e os cuidados que ela não podia mais lhes dar, atormentados pelos seus próprios problemas, decepções e fantasmas. Essa mulher que não pode cobrir tudo e tem que acabar abandonando seus filhos continua a representar, em certa medida, a mulher atual esmagada por muitos compromissos, que seus filhos devem deixar aos cuidados de estranhos.

Hoje em dia se diz que *La Llorona* vasculha as margens dos rios com seus longos cabelos, que mergulha seus dedos na água para arrastá-los no fundo à procura dos filhos. É por isso que se dizem às crianças vivas que não devem se aproximar dos rios, principalmente ao anoitecer, pois *La Llorona* pode levá-los confundindo com seus filhos e daí, nunca mais serão vistos. Essa história mexicana de mais de 500 anos é tão difundida que possui diversas versões, várias fragmentações, acarretando a criação de várias lendas. Todas elas, no entanto, contam a história de

uma aparição vestida de branco que se lamenta e chora vagando pelas margens de rios, capturando crianças para substituir seus filhos perdidos.

Obregón em seu livro traz a visão de que com o tempo gradualmente, a antiga tradição de *La Llorona* foi se apagando da memória popular. Só há lembrança dela nos destinos mitológicos dos astecas, nas crônicas antigas, nas aldeias distantes ou nas falas das velhas avós, que tentam assustar seus netos inocentes, dizendo-lhes ¡Ahí viene La Llorona!, mas ele não contava com o poder das novas tecnologias e o que esses netos poderiam vir a fazer para (re)passar essas narrativas contadas pelos mais antigos.

5. As damas de branco e sua aproximação com La Llorona

Com a dominação do continente americano essa narrativa também se espalhou, havendo grandes mutações, pois à medida que a cultura sofre influências diversas, muda-se a forma de pensar, de agir, de contar e os temas acabam mudando. Daí, também ocorre a transformação do mito em lendas e lendas urbanas.

De acordo com Lopes (2008) as lendas urbanas abrangem um elemento de emergência na direção de urgência, ao se descrever um problema social que precisa de atenção urgente da comunidade. As lendas vão sendo rapidamente “desbancadas” e outras novas vão surgindo e lhe roubando a atenção, deve-se combater então uma postura simplista de folcloristas que, ao decretarem de antemão a falsidade das histórias, ignoram aspectos complexos do contexto sócio histórico em que elas se inserem. Deve ater-se que muitos pesquisadores, historiadores, ou folcloristas, afirmam que as lendas são apenas frutos da imaginação popular, porém, como se sabe, as lendas em muitos povos são os livros na memória dos mais sábios.

As lendas brasileiras são numerosas, e foram influenciadas diretamente pela miscigenação na origem de seu povo. Deve-se levar em conta que uma lenda não significa uma mentira, nem tão pouco uma verdade absoluta. O que se deve considerar é que uma história para ser formulada, protegida e o mais importante, ter sobrevivido na memória das pessoas, ela deve ter pelo menos uma ínfima parcela de fatos verídicos.

Serão analisados nesse artigo 2 *sites* em que seus criadores conseguiram enxergar essa proximidade entre o mito mexicano *La Llorona* e

as lendas e brasileiras “A mulher/dama de branco” ou “A mulher/dama da meia-noite”, as versões dos sites fazem claramente uma relação direta com essas histórias. Os *sites* que serão analisados são:

(1) <https://www.wattpad.com/239638619-lendas-urbanas-a-mulher-de-branco-la-llorona>

O site *wattpad.com* resume a história de que a lenda da “Mulher de Branco” é um fantasma de uma bela mulher que veste vestido branco e sequestra pessoas com quem interagem. Quando ela estava viva teve dois ou três filhos, depende da variação da lenda, e quando ela sofreu uma rejeição, sendo enganada pelo homem que amava, ela afoga as crianças. Em um ato de arrependimento, comete suicídio, ao ver as crianças mortas e, como castigo, para buscar sua redenção, deve passar o resto da eternidade em terra à procura de seus filhos, chorando e sofrendo, até encontrá-los. Ela vaga em rios e estradas, e quando encontra um homem infiel, ela o mata, e ele nunca será visto novamente. A mulher de branco fica com raiva quando o homem infiel não quer obedecê-la, assim que o ataca enquanto toma sua verdadeira forma.

(2) <https://medium.com/elo-espaco-livre-do-oculto/cihuac%C3%B3atl-la-llorona-mulheres-da-meia-noite-e0d9bed62d5>

No site *medium.com* traz o seguinte trecho para ressaltar a aproximação entre o México e Brasil, houve o destaque dos 2 versos na estrofe XLIV para destacar essa relação entre as histórias, no qual no país sul-americano em questão existem várias versões da morte e da maneira de “aterrorizar”. Uma delas é a lenda da Mulher de Branco, uma bela mulher que, em estradas ou ruas ermas das cidades, abordava os homens.

CIHUACÓATL — a mulher chorona

mulheres da meia-noite

XLIII

Pelos lugares onde ando
Escuto histórias como estas
De mulheres tão molestas
Pela escuridão penando
Por suas acções funestas.

XLIV

Com semelhanças honestas
Às famosas mexicanas,
Lendas sul-americanas
Também recordam modestas
As tristes almas mundanas.

As damas de branco são designações que podemos perceber nos dois países, México e Brasil, mas poderíamos até estender essa pesquisa, pois o termo “Dama de Branco” é genérico para designar as diversas aparições de mulheres vestidas de branco: noivas, santas, prostitutas, virgens, elas são pertencentes tanto de histórias trágicas ou não. Alguns fantasmas de mulheres de branco retornam para ajudar, outras para se vingar. Tanto na história mexicana como nas brasileiras essa mulher traz um espírito vingador.

No Brasil, essas versões são consideradas lendas urbanas e ao serem recontadas passam da oralidade para a modalidade escrita em meios digitais. Quando publicadas em sites, em blogs ou mesmo em diálogos em chats acabam por sofrer alterações, pois o contador de história sempre tem um ouvinte assíduo que ao recontar sua versão da história, a transforma novamente, com acréscimos de novos fatos, ou mesmo por pouco compreender certos aspectos pela audição.

6. Memória, identidade e história na perspectiva do mito e das lendas

Os mitos e as lendas, sejam elas de conhecimento geral ou de um povo, são guardadas na memória e transmitidas pela tradição oral. Traduzem, em linguagem simbólica, cultura, valores, crenças e momentos significativos do passado. Por meio delas, penetramos no modo particular de significação do mundo e de apreensão da realidade de uma sociedade.

Segundo Delgado (2010, p. 34) “Tempo, memória, espaço e História caminham juntos”, as análises sobre o passado estão sempre influenciadas pela marca da temporalidade. Ou seja, se o tempo verifica particularidade a cada experiência real da vida humana, também a define como vivência da pluralidade, pois em cada movimento da história se entrelaçam tempos múltiplos, que unidos à experiência singular / espacial lhe conferem originalidade e substância.

Verifica-se que a memória, como característica do tempo vivido, reflete no presente as representações do passado. Assim, pode-se dizer que a lembrança, ou seja, a *anamnesis*, dá futuro tanto para o presente como para o passado. Enfim, a memória preserva as histórias, individuais e/ou coletivas, salvando-as do esquecimento e de sua perda. Sendo assim, “tanto a História como a memória, apesar de distintas, têm substância comum: são antídotos do esquecimento. São fontes de imortalidade” (DELGADO, 2010, p. 42), atualizando as lembranças do passado.

Joel Candau (2011), em seu livro *Memória e Identidade*, argumenta a construção da memória coletiva nas sociedades contemporâneas, salientando a tendência de memórias fragmentadas e a impossibilidade de memórias unificadas. Conforme o autor, “Nas sociedades modernas, o pertencimento de cada indivíduo a uma pluralidade de grupos torna impossível a construção de uma memória unificada e provoca uma fragmentação de memórias” (CANDAU, 2011, p. 172). Dessa forma, as grandes memórias organizadoras do povo dão lugar a um mosaico de memórias que cabe ao indivíduo salvaguardar para não perder a si mesmo. Enfim, o autor defende que na sociedade moderna há uma pluralidade de fragmentada de diferentes memórias.

A memória oral, sendo pessoal e direta, tem o encanto de ser mais próxima e mais viva, pois comparada com qualquer das outras modalidades da memória, além de surpreender mudando o normal curso da história de longo período, muda os atores que improvisam e não são apenas figurantes que assumem um papel já conhecido. Então, tanto o mito quanto as lendas evidenciam não somente um aspecto social, mas sim, vários aspectos, nos quais o ser humano encontra formas de se mostrar e evidenciar seu pensamento. Dessa forma destaca-se que essas histórias são uma forma de revelar o pensamento de uma sociedade, ou melhor, a subjetividade desta. Assim afirma Delgado (2020):

Alto registrar no tempo presente as memórias sobre o tempo que passou, o historiador e os demais profissionais vinculados a pesquisas que utilizam a metodologia da história oral fazem dos testemunhos recolhidos fontes de imortalidade – documentos/monumentos, sob a forma de vozes e de textos que ficarão arquivados como registros vivos da multiplicidade de experiências que constituem a vida humana na sua essência (DELGADO, 2010, p. 62)

Deve-se ter em mente que a memória não é um reles registro pessoal, ninguém se lembra somente de si mesmo, na verdade toda memória parte de “algo” coletivo. Nesse sentido, Candau (2011, p. 9) afirma que, a memória “é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstrução fiel do mesmo”. Dessa forma não haveria a possibilidade de memorizar as experiências passadas na sua integridade. Complementa o mesmo autor: “a lembrança não é a imagem fiel da coisa lembrada, mas outra coisa, plena de toda a complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida” (CANDAU, 2011, p. 65).

Porém deve-se destacar que “por muito que deva a memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para

ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 1994, p. 411). Isto é, a memória individual é um dos ângulos para a memória coletiva, um episódio que não teve um impacto coletivo pode ficar guardado na memória individual.

Hall (2014), no texto *Quem precisa de identidade?*, traz que a identidade, assim como a noção de pessoa, também é datada historicamente, também é uma ideia que foi construída no decorrer de processos sociais. Ter essa consciência significa ter a liberdade de pensar essas categorias e, inclusive de questioná-las. Ter a consciência de que a identidade é construída, é trazê-la para o campo de disputa, é perceber que, se ela é uma construção, ela é, também, passível de mudança. Quando a identidade é colocada, através do discurso, no campo da natureza, do que está para além da vontade humana, ela é, ao mesmo tempo, retirada do campo de possibilidades da intervenção humana. Reconhecer que a identidade é uma construção social é, antes de tudo, uma conquista política. Como já citado anteriormente, a principal questão que a identidade coloca é “Quem eu sou?” ou “O que eu sou?”. Responder essas questões é buscar um sentido de si, esse sentido, ou melhor, a demanda por esse sentido de si é colocada pela própria ideia de indivíduo e de pessoa que norteiam o mundo de hoje. É essa ideia que faz da identidade uma questão que precisa ser respondida a todo custo. Tal questão só ganha sentido, dentro de um contexto de significação que tem a noção de pessoa, enquanto verdade do ser, como ponto central.

A descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo, constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. Esses processos de mudança tomados em conjunto, representam um processo de transformação e nos leva a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada. O que Hall tenta passar é que a memória e identidade estão envolvidas, mas é isso nos faz refletir.

Os mitos, assim como as lendas, fazem parte da identidade de uma sociedade, de um povo, de um determinado grupo, enfim, daqueles que são encantados pelas diferentes formas e maneiras de retratar a realidade que é o resultado dessa relação entre o homem, sua cultura e o meio em que vive. Assim como reforça Delgado (2010, p. 47) “Identidades referem-se a atributos culturais, simbologias, experiências, hábitos, crenças, valores”. E esses tipos de histórias, quando passadas da oralidade para o meio digital escrito são tidas como textos a partir das aplicações sócio-discursivas aleatórias e multiformes, pois se estabelecem sob a

forma de confronto de versões, já que há a passagem do ouvinte a autor, e acaba que haverá reiteraões ou mesmo retificações de versões anteriores, pois os leitores dessas mídias poderão já ter escutado essas narrativas e a partir disso também escreverem as suas versões.

7. *Lendas: recepção e a ordem do discurso*

Partindo dessas relações ouvinte/autor/leitor dos mitos e principalmente das lendas e lendas urbanas, deduz-se uma configuração interdiscursiva particularmente heterogênea, defende-se aqui que as lendas estão envoltas em um processo discursivo e que sua elaboração não se dá por meio de textos fechados, ou seja, são práticas sócio-discursivas descontínuas e multiformes, elaboradas através de um conjunto de ideias, organizadas através da linguagem (discurso) no qual se apropria implícita ou explicitamente, de outras ideias ditas anteriormente, especificamente heterogêneas, constituída por fatos polêmicos, e no qual os indivíduos se deparam com os seus pressupostos de verdade e relações de poder/saber.

Foucault apresenta na primeira parte do livro *A ordem do Discurso* que se pode intuir que, se há rituais na sociedade, haverá rituais para com os discursos, defendendo que o discurso é um veículo de poder e um objeto de desejo, pois ao deter-se o discurso se detêm consequentemente o poder.

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de processos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade". (FOUCAULT, 1971/1999, p. 8-9)

Podem ser discutidos nas lendas aspectos como a crença e o medo, ambos debatidos por Röhrich, no qual traz que “a lenda demanda do contador e do ouvinte a crença na verdade do que se conta” e que os indivíduos relatam as lendas com o intuito de “verbalizar ansiedades e medos e, ao explicá-los, liberar-se do poder opressivo de seus medos” (RÖHRICH, 1988 *apud* DÉGH, 2001, p. 37), por isso além de considerar-se que as lendas são narrativas materializadas em práticas discursivas localizadas, nas quais os indivíduos repassam seus antigos medos e apreensões sociais.

O Discurso simboliza poder, e numa metalinguagem passa a ser desejado por tudo que o mesmo é capaz de conquistar, materializar. Saber utilizar o discurso significa controlar pessoas, direcionar a história,

pois um discurso convincente pode utilizar-se da linguagem para manipular, dominar, seduzir, por isso o discurso passa a ser cobiçado, admirado, desejado, temido por seu simbolismo, sua força. A ação de repassar as histórias, no caso em questão as lendas. Sendo o discurso uma materialização de ideologias, muitas vezes o indivíduo utiliza-o para mascarar uma realidade, suplantar verdades, garantir posições, o discurso começa a representar interesses de classes, servir de dominação.

Na obra de Foucault, pode-se fazer uma associação quando nos deparamos com os procedimentos de exclusão internos, pois esses atuam no interior do discurso sobre ele mesmo, neste caso, o comentário e o autor.

O ato de recontar as lendas traz aí uma imensa riqueza na prática de comentários, que se constitui do próprio processo discursivo de uma troca dentro de um grupo/sociedade. Pode-se incumbir o comentário como uma função. Foucault projeta dois papéis ao comentário. O primeiro é seu aspecto “produtivo”, que permite a construção infinita de novos discursos: “o fato de o texto primeiro pairar acima, sua permanência, seu estatuto de discurso sempre reatualizável, o sentido múltiplo ou oculto de que passa por ser detentor, a reticência e a riqueza essenciais que lhe atribuímos [...]”; o segundo é o seu aspecto “coercitivo”: “o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro” (1971/1999, p. 25). Desta forma, nessa contradição incontornável, o comentário aparenta dizer pela primeira vez aquilo que já havia sido dito, e repetir continuamente aquilo que nunca havia sido dito, pois “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (1971/1999, p. 26).

Pode-se pensar no contexto das lendas que o comentário pode vir a reprimir o discurso, atuando no sentido de evocar o acaso e impedir que novos saberes ameacem os saberes já estabelecidos. Por mais que as lendas apareçam e reapareçam, com novidades, sempre vai existir algum movimento para se refazer esse discurso, de diversas formas, com comprovações, com fatos científicos, com ponderações de especialistas, na verdade com uma imensidão de comentários que buscam absorver o acontecimento dentro de uma estrutura já reconhecida. É por conta destes vastos comentários que os acontecimentos se propagam, que as novas versões dessas histórias se apresentam e os comentários cada vez mais se acumulam.

Já quando falamos de autor, diante de uma sociedade que tem a necessidade da afirmação do ser humano, faz-se conveniente e importante, seja essa afirmação no âmbito pessoal, profissional, e intelectual, questões tangíveis à autoria são também discutidas por Michel Foucault em sua obra. “O autor é aquilo que dá inquietante linguagem de ficção suas unidades ponto seus nós de coerência, sua inserção no real. (FOUCAULT, 1971/1999, p. 28).

Mais quem seria o autor nas lendas? Quem deu origem a esse discurso? Estas perguntas são bem problemáticas quando falamos de lendas/lendas, por serem textos apócrifos, pode-se dizer que os autores são todos aqueles que tomam para si a tarefa de (re)contá-las, de passá-las adiante, acarretando a alteração de seus enredos. E ser por um acaso essas histórias se basearem em fatos reais, elas nunca acontecem conosco, e sim “com uma pessoa que eu conheci” ou “com um amigo de um amigo”, alguém que na verdade não tivemos contato.

Foucault nos propõe na verdade é que se pense no autor como se pensa no comentário, como uma função, um “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência.” (1971/1999, p. 26), o que impõe algum tipo de assinatura a esse discurso, mas o processo de autoria de uma lenda não é algo individualizado, assinado por um autor determinado, mas sim de um trabalho de elaboração coletiva e em permanente criação, cuja eventual assinatura surgiria apenas como um gesto potencial, ou seja, se em algum momento alguém decida imprimir sua assinatura na narrativa, o fará apenas como o resultado de uma prática de poder.

Em rigor, as lendas ou mesmo as lendas urbanas são tidas como narrativas devido ao simples motivo de que têm “uma história a contar”, uma experiência a reportar. Por isso os meios de transmissão são variados e os meios digitais expandiram essa transmissão, podendo ir de um conto de precaução, de terror ou suspense, de rumor. Pois essas histórias não podem ser tidas como básicas, pois há uma estrutura mais profunda, surgindo várias outras versões com um ilimitado conjunto de possíveis histórias, nas quais dependerão do intérprete, no caso o ouvinte/autor/leitor.

O que é mais importante existe também um conjunto ilimitado de narrativas possíveis que cada um das partes poderia construir no futuro em resposta a essas narrativas existentes. Isso quer dizer que o que quer que proponhamos como sendo “uma lenda” não é uma trama subjacente, mas sim um ímpeto social de criar novas narrativas no formato das antigas. (ELLIS, 2001, p. 8 *apud* LOPES, 2005, p. 36)

E nesse emaranhado dos termos, esse ouvinte e leitor que vira autor e acaba que fica nessa repetição, têm-se que ater que em relação ao leitor propriamente dito, pois de acordo com Compagnon (2001, p. 161) “o leitor começa sempre por uma interpretação, não há texto preexistente que possa controlar sua resposta: os textos são as leituras que nós fizemos deles; nós escrevemos os poemas que lemos”, podemos atribuir isso também ao ouvinte, quando esse ouvinte/leitor vira esse autor que coloca suas versões das histórias das lendas em circulação nas mídias, vai um pouco de si e da sua interpretação e imaginação. Percebe-se então que na recepção e influência é desenvolvida a ideia de que, quando lidas, as histórias levam ao leitor a criar e recriar.

Com isso percebe-se que o estudo das lendas, aqui citadas, não podem se ater a textos fechados, ou seja, a versões estruturadas ou resúmenes de histórias. Como toda narrativa, as lendas e as lendas urbanas devem ser pensadas como processos sócio-discursivos, com atenção ao processo de produção/recepção nos quais circulam, bem como a questões ideológicas que são indissociáveis a esse processo. E o surgimento e crescimento da internet e de novas formas de tecnologias causaram uma renovação da (re)produção das lendas e das lendas urbanas, criando histórias similares àquelas que eram transmitidas oralmente em um ambiente de comunicação de massa.

De acordo com uma publicação de Gagliani (2019) há uma relação entre culturas diferentes, lendas semelhantes, como por exemplo, *La Llorona* do México e as lendas “A mulher/dama de branco” ou “A mulher/dama da meia-noite” disseminadas no Brasil, essas lendas surgiram em países com culturas diferentes e, apesar de algumas variações entre elas, contam com uma estrutura central muito parecida. Uma mulher/espírito feminino vestido de branco que teve um grande desgosto, que não amparou os filhos e acabou que por essa culpa cometendo suicídio. E nesse caso o surgimento de mais e mais variantes fica mais fácil por conta dos meios de comunicação em massa.

8. Considerações finais

Ao longo do artigo podemos notar o quão amplo se faz a história quando partimos dos mitos e das lendas. *La Llorona* nos traz um aporte

histórico imenso com a conquista do território americano pelos colonos e a miscigenação dos povos por todo o território, a mistura das culturas, o ato de contar e repassar as histórias. As questões aqui abordadas são frutos de estudos bibliográficos, documentais e de análise de pesquisa sobre fontes orais e escritas de pesquisas já realizadas por outros.

Analisando as lendas urbanas brasileiras que possivelmente se aproximam do mito mexicano *La Llorona*, aquelas que se mantiveram mais similares foram “A mulher/dama de branco” ou “A mulher/dama da meia-noite” que são citadas nessa pesquisa e isso se deve possivelmente de acordo com Gagliani (2019) as principais hipóteses para explicar “a presença de mitos semelhantes em culturas diferentes” que seriam uma possível raiz genética e cultural em comum entre os dois povos estudados; a propagação e aumento de temáticas e ideias similares por meio das religiões e culturas que se espalharam e condições de desenvolvimento semelhantes entre os povos estudados, que resultaram em questionamentos, indagações e preocupações semelhantes.

Ao se analisar a estrutura do Mito e as construções das lendas, deve-se ater que essas histórias são frutos da história oral que “possibilita o afloramento de múltiplas versões da História e, portanto, potencializa o registro de diferentes testemunhos sobre o passado, contribuindo para a construção da consciência histórica individual e coletiva” (DELGADO, 2010, p. 52). Segundo a mesma autora “A memória é base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas”, assim sendo, “É um elemento constitutivo do autorreconhecimento como pessoa e/ou como membro de uma comunidade pública, como uma nação, ou privada, como uma família” (2010, p. 38).

Assim tanto o mito quanto as lendas necessitam, para serem (re)lembradas, além da oralidade, dessa divulgação nos meios de massa, com essas narrativas em que o ouvinte viaja através do ato de escutar a narrativa; dessas memórias que são instrumentos de preservação das heranças identitárias e tradições, acabam por contar e recontar nos meios digitais e acabam que trazem influências dos filmes, da TV, das mídias sociais e de outras tecnologias digitais, que continuam a desafiar e expandir as noções desse campo.

Ao se analisar a estrutura das construções das lendas, houve a análise através de Foucault com o livro *A Ordem do Discurso*, ressaltando o poder do discurso, pois tanto o mito como as lendas servem para impor um medo, chamar a atenção para algo e quem detém o discurso

consegue o controle. Também se analisou na perspectiva dos procedimentos de exclusão internos, tanto o comentário (com seu papel tanto produtivo quanto coercitivo) quanto o autor (apócrifo) como função. Além de trazer uma reflexão acerca da recepção dessas histórias nos meios digitais que acabam por chegar à massa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANAU, J. *Memória e identidade*. Trad. de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARTIER, R. *Escutar os mortos com os olhos*. Estudos Avançados. V. 24, n. 69, p. 6-30. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510>. Acesso em: 01 fev. 2020.

COMPAGNON, A. O Leitor. In: *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DELGADO, L. A. N. Dinâmicas da memória e da História: representações e multiculturalidade. In: _____, L. A. N. *História oral: memória, tempo, identidades*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 55-66

ELIADE, M. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

GAGLIONI, C. *Como os fóruns digitais renovam as lendas urbanas*. 30 out. 2019. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2019/10/30/Como-osf%C3%B3runs-digitais-renovam-as-lendas-urbanas>. Acesso em: 01 fev. 2020.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-33

LEAL, G. M.; PEREIRA, E. M. Gênero lendas: um relato de experiência. In: *ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB*, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

LOPES, R. L. Em Busca do Gênero Lenda Urbana. In: *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, V. 8, n. 2, p. 373-93, maio/ago. 2008.

LOPES, R. L. Lendas Urbanas: Discurso, Cotidiano e Verdade. In: *Rev. ANPOLL*. n. 19, p. 33-56. Jul./dez. 2005. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/456/465>. Acesso em: 15 jan. 2020.

MACHADO, I. A. *Literatura e redação*. São Paulo: Scipione, 1994.

OBREGÓN, L. G. *La Llorona*: Leyenda mexicana del período virreinal. Disponível em: <http://www.seg.guanajuato.gob.mx/educativa/cdocumental/doctos/2013/octubre/la%20llorona.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2020.

TAHAN, M. *A arte de ler e contar histórias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.